

SOMOS TODOS ATORES

Noris Barth Maakaroun

Discutir teatro como sendo simplesmente literatura dramática é tão frágil como tentar ligar um aparelho eletrônico usando somente um componente dos muitos circuitos que fazem parte da complexidade de seu funcionamento.

A representação cênica e os teatros em que estas são apresentadas compõem-se de atores, atrizes, artistas plásticos, arquitetos, artesões, figurinistas e engenheiros, além de compositores e músicos, coreógrafos e dançarinos, poetas e jornalistas, e talvez o mais significativo de todos estes elementos – o público. Em resumo, é uma experiência baseada na interação.

No teatro, nenhuma representação será identicamente repetida. Os atores são humanos: eles memorizam suas falas e movimentos, apresentam em uma noite o que poderá ser esquecido ou substituído na noite seguinte. Nem a composição da platéia será exatamente a mesma. Cada apresentação será, assim, uma experiência única para aqueles que estiverem presentes naquele exato momento.

Como podemos então explicar esta relação tão especial e íntima que acontece com o grupo? Primeiramente o público precisará ser persuadido, sentir que vale a pena ir até ao teatro, o que requer um ato de fé, repetida toda vez que exercitar seus direitos de escolher e decidir como usar seu tempo livre.

Uma vez feita a decisão, depende, agora, dos atores conquistar e persuadir o seu público a aceitar em seus corações como sendo real aquilo que em seus cérebros sabem tratar-se de uma farsa ou ficção.

A linha é tênue, os riscos de perder a atenção do público podem acontecer a qualquer momento: os atores perdem a concentração e a representação torna-se mecânica, ou as falas não são escutadas, a visão não é boa porque um ou outro ator encobre a cena principal ou até uma

postura narcísica do ator que se acha mais importante que o personagem colabora para a audiência perder a confiança.

Por esta razão, alguns críticos escrevem mal sobre um espetáculo na suas primeiras apresentações o que posteriormente será reconhecido como sucesso.

Mas, o que não é reconhecido é que cada membro do público (inclusive eu e você) perdemos grande parte do nosso dia atuando como atores, personificando diferentes personagens ou papéis (geralmente impostos), tornando cada dia um dia de representações. Aquelas pessoas que encontramos ao longo do dia são nossas audiências. Usamos roupas ou "figurinos" que consideramos adequados para esta ou aquela ocasião. Usamos palavras e falas ritmadas (muitas vezes jargões técnicos), que acreditamos cumprirem o papel que estamos desempenhando no momento ou, pelo menos, ajudando a definir aos olhos do outro. Assim, em todo nosso comportamento, no andar, movimentos de mãos e olhos, enviamos constantes sinais e signos para os outros, indicando como desejam ser interpretadas nossas ações e atuações.

Infelizmente, podemos também transmitir sinais inconscientemente ou parcialmente conscientes, traindo-nos aos olhos de espectadores mais sensíveis e revelando aquilo que tentamos ocultar. Em resumo, em relaxantes encontros sociais ou discutindo com nossos colegas, nos defendemos, como atores, para assegurar e capturar a atenção de um público para fazê-lo rir conosco ou simplesmente simpatizar com nossos problemas ou ansiedades.

Mesmo assim, raramente nos consideramos atores, talvez, quando retornamos para casa solitários ou tomando um banho reconheçamos que mudamos nosso eu em prol do outro. Nesse momento, cessamos de ser atores e tornamo-nos nós mesmos.

Este fenômeno é um dos fatores vitais para explicar a experiência da arte dramática, pois ela conecta, através dos mimetismos, cada um de nós com estes raros e excepcionais indivíduos que denominamos atores.

Eles, como nós, são seres humanos, mas o papel que eles escolheram fazer na vida consiste em colocar todo o processo em reverso. A principal diferença está na subjetividade do papel-ator nas nossas vidas diárias e da objetividade do ator profissional numa apresentação pública teatral. O último é uma demonstração, um show, enquanto que o primeiro é raramente conscientizado, e é empregado tanto para dissimular como para exibir-se.

sobre o(a) autor(a):

Professora e atriz.